

APRESENTAÇÃO

Para os aficionados, Saramágico. Ser amargo, para os desafetos. Traduzido nos quadrantes do mundo, José Saramago é, para todos, o primeiro escritor de língua portuguesa laureado com o Nobel, em 1998. Seu ingresso efetivo nas fileiras literárias ocorre cedo e tarde. Cedo porque, publicando aos vinte e cinco anos seu primeiro livro, *A Terra do Pecado* (1947), deserta do romance, convicto de não ter, àquela altura, nada importante a dizer. Nas décadas de 1960 e 1970, perfila-se como poeta (*Os poemas possíveis* [1966], *Provavelmente alegria* [1970], *O ano de 1993* [1975]) e cronista (*Deste mundo e do outro* [1971], *A Bagagem do Viajante* [1973], *As opiniões que o DL teve* [1974]). Trinta anos após a publicação daquele primeiro romance, retorna ao gênero com *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977), contando já cinquenta e cinco anos de idade. Tarde, conforme a média etária dos romancistas, mas a tempo e hora de, em *Levantado do Chão* (1980), exercitar os traços estilísticos que notabilizam seu realismo de observação e invenção, além de suas alegorias mais fantasiosas.

Uma obra diferenciada, com ênfase no gênero romance, passa a ser composta em uma seqüência admirável de títulos – *Memorial do convento* [1982], *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), *A jangada de pedra* (1986), *História do Cerco de Lisboa* (1989), *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), *Ensaio sobre a cegueira* (1995), *Todos os nomes* (1997), *A Caverna* (2000), *O Homem Duplicado* (2002), *Ensaio sobre a lucidez* (2004), *As Intermittências da Morte* (2005), *A Viagem do Elefante* (2008) e *Caim* (2009). Esse rol de romances é criado pari passu com incursões à dramaturgia, à literatura infantojuvenil, ao ensaio e à autobiografia. Some-se a isso o inquebrantável fôlego para divulgar sua obra – ao lado de sua mulher, a jornalista e tradutora Pilar del Río – em périplos que os levam muito além do Bojador, como bem evidencia o documentário *José e Pilar* (2010), dirigido pelo cineasta português Miguel Gonçalves Mendes.

Graças a Pilar del Río, os leitores de José Saramago encontram-se com suas obras póstumas. *Clarabóia*, escrito em 1953, fora enviado à Editorial Notícias, que se animou a publicá-lo apenas em 1990, quando José Saramago, já reconhecido, desinteressou-se de tal publicação. O romance de 1952 não mais atendia ao exigente padrão estilístico estabelecido pelo autor maduro. Saramago, instado por Pilar del Río, concordou com a publicação do segundo romance ainda inédito, desde que póstuma. *Clarabóia* é então publicado, pela Caminho, em 2011, um ano e quatro meses após a morte de José Saramago. Em 2014, surge *Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas*, título auferido do Auto de Exortação da Guerra (1514), de Gil Vicente. Inacabado, o romance possui três capítulos, suficientes para permitir

ao leitor um reencontro emocionante com o construtor de imprescindíveis alegorias sobre os desvãos da condição humana.

À frente da Fundação José Saramago, Pilar del Río, como as personagens femininas de Saramago, não esmorece. Em junho de 2015, quando se somaram cinco anos da morte do autor de *Ensaio sobre a cegueira*, o número 37 da revista *Blimunda* (disponível no site da Fundação), brindou seus leitores com mais inéditos: desta feita, as anotações destinadas à consecução de *Ensaio sobre a lucidez*. A presidente da Fundação José Saramago divulgou também a recente descoberta de um drama inédito, escrito por Saramago em coautoria com Costa Ferreira, sugestivamente intitulado *O fim da paciência*.

O aniversário de morte foi ainda marcado pelo lançamento de *Um humanista por acaso escritor* (2015), documentário sobre José Saramago segundo os que privaram de sua obra e vida, realizado pelo cineasta brasileiro Leandro Lopes. Além disso, o Museu da Língua Portuguesa (São Paulo) prepara uma grande exposição sobre o romancista português, com inauguração prevista para 2016. Saramago? Cada vez escreve melhor.

A fim de juntar-se aos que celebram a vitalidade da obra saramaguiana, o volume 17 da Revista *Miscelânea* apresenta um dossiê composto por artigos de consideração crítica sobre algumas de suas realizações. Na seção “O mundo não vai bem”, o decisivo *Levantado do Chão* passa pelo duplo crivo de Vera Lúcia de Oliveira e de Edvaldo Bérnago. Enquanto Oliveira, em “Um outro olhar sobre a história, em *Levantado do Chão*, de José Saramago”, sublinha os procedimentos narrativos e as singularidades estilísticas, Bérnago, em “O que há mais na terra, é paisagem’... e História: *Levantado do Chão* entre o legado neorrealista e a ficção histórica”, desvela o escritor engajado, de modo que as duas leituras sobre o mesmo romance resultam complementares, geradoras de razões tantas para ler e reler o texto literário em pauta. Em seguida, “A cegueira branca vai ao cinema”, de Cleomar Pinheiro Sotta, dedica-se à adaptação cinematográfica de *Ensaio sobre cegueira* pelo cineasta brasileiro Fernando Meirelles. Esse trio de artigos põe à vista análises percucientes, atentas ao particular e ao geral, para revelar como duas obras emblemáticas, de fases distintas do mesmo autor, exprimem as contradições da história portuguesa e universal.

O traçado autobiográfico compõe a seção “Contra o esquecimento”, em que Márcia Valéria Zamboni Gobbi, no artigo “A grande beleza: Saramago em viagem à Itália”, percorre o itinerário estético decorrente do tema da viagem à Itália – no *Manual de pintura e caligrafia* e em *A bagagem do viajante* – para compor a moldura da “poética do encantamento” exercida por Saramago. Gabriela Kvacek Betella, em

“Quando Saramago era Zezito”, volta-se para *As pequenas memórias* e, filiando esse livro às diretrizes autobiográficas esboçadas em *Manual de pintura e caligrafia*, demonstra que as recordações saramaguianas são escavadas à maneira das de Walter Benjamin. Em “José Saramago: retratos do autor pela sua arte”, Adriana Marcon reflete sobre o modo como Saramago confere nuance autobiográfica a obras literárias e reveste os textos memorialísticos com fundo literário, de modo a manter à tona o problema da representação. Esses artigos, percorrendo obras que se tocam, aprofundam a reflexão sobre o prolongado processo de amadurecimento artístico do autor e sobre sua incontornável necessidade de dizer quem era.

A Seção “O Espetáculo do Mundo” é constituída por artigos dedicados à história que poderia ter sido. Márcio Roberto Pereira em “‘Trouxe papéis com versos, é tudo quanto tenho’: um episódio de Camões em *Que farei com este livro?*, de José Saramago” analisa o drama em que são encenadas as dificuldades enfrentadas por Camões, frente à inquisição e à corte de Lisboa, para publicar *Os Lusíadas*. Fernanda Buzzon Fernandes reflete sobre a releitura, feita por Saramago na peça *Don Giovanni ou o Dissoluto Absolvido* (2005), de um dos mais antológicos mitos da história literária, o de Dom Juan, por meio de um estudo comparativo para o qual são também convocados o dramaturgo espanhol Tirso de Molina e o libretista italiano Lorenzo da Ponte. O monumental *O Ano da Morte de Ricardo Reis* é lido por Sérgio Henrique Rocha Batista como um romance que subverte o mito, ao narrar as desventuras de um médico-poeta às voltas com o fantasma de Fernando Pessoa, nos primeiros anos da ditadura Salazarista. Por Thaís Maria Gonçalves da Silva, o mesmo romance em torno do heterônimo neoclássico de Pessoa é tomado como via de aferimento das estratégias de leitura de uma amostragem da fortuna crítica, à luz do conceito de “comunidades interpretativas”. Quatro ensaios que abrem vias férteis de enfrentamento com a acirrada capacidade que as obras analisadas possuem de propor um quadro de valores, no plano criativo e no plano crítico, que tende a reorganizar o senso comum.

O dossiê é encerrado pela homenagem a Saramago composta por Augusto Rodrigues da Silva Junior e Ana Clara Magalhães de Medeiros, intitulada “José, e agora?”. Trata-se de versão do texto lido na Fundação José Saramago, em 15 de dezembro de 2012, em comemoração aos 90 anos do escritor, como parte do projeto Sinfô Saramago, idealizado pela pesquisadora romena Simona Vermeire. O ensaio lírico de Augusto Rodrigues e Ana Clara Medeiros – contundente suma poética da obra de José Saramago, além de declaração de amor à literatura – foi também encenado no “Dia do

Desassossego”¹ promovido pela Cátedra Agostinho da Silva, na Universidade de Brasília (UnB) em 2013. É com grande satisfação que esse dossiê o publica pela primeira vez.

Nas suas leituras desveladoras de ângulos agudos de uma obra levantada e principal, os dez artigos aqui enfeixados, bem como o ensaio lírico, advertem: os textos de José Saramago, quanto mais lidos, mais cativantes se tornam.

Sandra Ferreira
Editora

1 O “Dia do Desassossego”, concebido por Pilar del Río, é uma iniciativa da Fundação José Saramago que, desde 2012, concita os leitores pelo mundo a, no dia 16 de novembro (data de nascimento de Saramago), celebrar a obra do autor português.